

**O BARROCO NO BRASIL  
GREGÓRIO DE MATOS E VIEIRA**

*José Pereira da Silva (UERJ)*

PRELIMINARES

O século XVII marca uma fase de intensa renovação no Brasil, não apenas do ponto de vista literário, mas também no aspecto social e econômico.

A centúria anterior assistira ao apogeu de Pernambuco, tão rico com os seus engenhos de açúcar, que o padre Fernão Cardim, ao ver os cavalos com arreios enfeitados a ouro, ao contemplar as sedas e os veludos com que se vestiam os nobres senhores de engenho, declarou que em Olinda e Recife havia mais luxo e vaidade do que em Lisboa.

A partir de 1600 o prestígio econômico e social caberá à Bahia.

Sede do governo geral desde 1549, centro da vida administrativa e jurídica da colônia; orientadora da vida religiosa, graças à posse do primeiro bispado; enriquecida com os engenhos que se espalhavam pelo Recôncavo, a Cidade do Salvador, sede de um seminário onde se formavam os maiores espíritos da época, cresceu em fama, riqueza e projeção, a tal ponto que a ela vieram ter os holandeses quando da primeira invasão. Ao mesmo tempo, por motivos vários, cresce a importância da colônia de que Portugal tanto se descuidara no século anterior. A criação de gado começa a estender-se nos chapadões do Nordeste; o bandeirismo, quebrando a linha de Tordesilhas, amplia o território nacional; as minas, de pedras ou de metais preciosos, espalham aventureiros pelos sertões; o espírito nativista apura-se nas lutas que as três raças irmanadas – o branco, o índio o negro – sustentam contra o estrangeiro invasor, mesmo desamparadas da metrópole – começa a forma-se a aristocracia rural que será o esteio da unidade brasileira no futuro.

Literariamente, a colônia, embora ainda pobre de letras, será envolvida pelas irradiações do *culteranismo*<sup>42</sup>, que se espalha por todo o mundo, tomando nomes diversos em cada país: *maneirismo*, na Itália; *silesianismo*<sup>43</sup>, na Alemanha; *eufuismo*<sup>44</sup>, na Inglaterra; *preciosismo*, na França; *gongorismo*, na Espanha e, portanto, em Portugal, desde 1580 submetido aos reis de Castela. Todos esses nomes indicavam uma idéia única, com uma única intenção: o *culteranismo*, também chamado *cultismo*, que “é a tendência típica da literatura barroca para usar e abusar de metáforas cintilantes, requintadas, de hipérbolos e de jogos de palavras. O cultismo liga-se estreitamente ao *conceptismo*, que é a tendência para o abuso de conceitos como prova de sutileza mental.

Não são muitos os autores brasileiros do período, mas todos eles, poetas, prosadores ou representantes da oratória sagrada, estão marcados pela tendência da época para a linguagem rebuscada, para o abuso de imagens, para o excesso de comparações e de conceitos.

Coincidentemente, todos os autores vivem na Bahia, donde dar-se o nome de *grupo baiano* ao conjunto de escritores que anima as letras brasileiras do período.

## GREGÓRIO DE MATOS

Deve ser considerado a maior figura das letras coloniais. Discutido por todos, acusado por alguns, enaltecido por outros, seria uma injustiça negar talento e valor ao poeta, porque não é possível que um plagiário sem mérito – como certos críticos pretendem seja Gregório – pudesse, durante trinta anos, arrebatar Lisboa e Coimbra, cidades cultas e onde não faltavam homens ilustres, com o brilho da sua dupla atividade jurídica e poética.

---

<sup>42</sup> Cultismo ou Culteranismo é o estilo artificial de forma preciosa de alguns poetas e/ou prosadores barrocos; tendência originariamente espanhola, caracteriza-se pela supervalorização da opulência imagística e lexical, pelo uso abundante de metáforas e hipérbolos, ocorrendo especialmente no século XVII, basicamente na obra de Luis de Góngora (1561-1627).

<sup>43</sup> Silesianismo é o movimento barroco de poetas alemães especialmente da Silésia, na segunda metade do século XVII, que sofriam influência do marinismo italiano.

<sup>44</sup> Eufuismo é o estilo literário amaneirado, caracterizado pelo emprego de vocábulos preciosistas e rebuscados, existente na Inglaterra no período que antecedeu à vigência da arte barroca.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Gregório de Matos foi, sim, um fraco. Faltou-lhe ânimo para resistir à infelicidade, quando perdeu as boas graças do rei; não teve capacidade para adaptar-se à vida provinciana da Bahia, ele que brilhava na Europa; responsabilizou a sociedade inteira pela infelicidade que lhe causava a injustiça da Corte, e deu-se ao mais largo desregramento intelectual e moral, agredindo com a pena e escandalizando com o exemplo todos aqueles que o cercavam.

De começo, a vida do poeta foi brilhante. Nascido na Bahia, em 1623, filho de família muito abastada, fez os primeiros estudos na colônia e seguiu depois, com 17 anos, para Coimbra, onde se formou em Direito. Já nos bancos acadêmicos granjeou a admiração de mestres e colegas, e, depois de formado, advogando em Lisboa, ficou famoso pela cultura e pela agudeza mental e temido pela impiedade com que castigava os prevaricadores, os parasitas, os inúteis que nessa época pululavam na capital portuguesa.

A sua apreciável cultura jurídica fez que o nomeassem Juiz de Órfãos e Ausentes de uma das comarcas da capital. Gozou também da estima real, graças à maneira como tomou o partido de D. Pedro II, nas lutas contra D. Afonso VI.

Data daí a infelicidade do poeta. O rei, despeitado com a atitude de Salvador de Sá Benevides, governador do Rio de Janeiro, que tomara o partido de Afonso VI, quis vingar-se e propôs a Gregório de Matos que se prestasse a fazer uma devassa nos atos do governador, aceitando antecipadamente, a troca de grandes favores, concluir pela culpabilidade dele. O poeta recusou e, privado do favor real, despojado de honras e empregos, não pôde mais ficar em Portugal e regressou ao Brasil para viver da advocacia.

Mas não foi, na pátria, mais feliz do que fora em Lisboa. “Sem recursos e sem amigos, sem o apoio dos grandes, que nunca poupava, e sem o auxílio dos pequenos, que lhe não poderiam valer, Gregório de Matos ficou de todos desamparado”. (CARVALHO, 1958: 103)

Eu era em Portugal  
Sábio, discreto, entendido,  
Poeta melhor que alguns,  
Douto como os meus vizinhos

E chegando a esta terra  
Logo não fui nada disto,  
Porque um direito entre tortos  
Parece que anda torcido.

(AMADO, 1992: 152)

Casou-se, em 1584, com uma viúva, mas não foi feliz no casamento. Tocador de violão, cantador de modinhas, autor de sátiras por vezes terríveis, era querido do povo, mas temido pelos poderosos, e isso lhe valeu o desterro para Angola onde o governador, Pedro Jaques de Magalhães, penalizado ao ver o poeta velho e doente, obteve que ele voltasse ao Brasil, para viver em Pernambuco sob a condição de nunca mais fazer versos. O poeta conheceu dias negros em Recife, tendo de esmolar para viver, e finou-se em uma casa de caridade, em 1696.

Três aspectos distintos apresenta a obra de Gregório de Matos: o lírico, o sacro e o satírico.

Na sua produção lírica, bastante vasta, há versos como estes:

Ver o aljôfar nevado que desata  
A aurora sobre a gala do rosal,  
Ver em rasgos de nácar tecer prata,  
E pérolas em conchas de coral,  
Ver diamantes em golpes de escarlata,  
Em pingos de rubi puro cristal,  
E ver os vossos dentes de marfim,  
Por entre os belos lábios de carmim.

Nos seus poemas sacros encontram-se criações tocantes como o soneto *A Christo S. N. Crucificado estando o poeta na última hora de sua vida*.

Meu Deus, que estais pendente em um madeiro,  
Em cuja lei protesto de viver,  
Em cuja santa lei hei de morrer  
Animoso, constante, firme, e inteiro.<sup>45</sup>

Neste lance, por ser o derradeiro,  
Pois vejo a minha vida anoitecer,  
É, meu Jesus, a hora de se ver  
A brandura de um Pai manso Cordeiro.

---

<sup>45</sup> *inteiro*: resolutivo.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Mui grande é vosso amor, e meu delito,  
Porém pode ter fim todo o pecar,  
E não o vosso amor, que é infinito.

Esta razão me obriga a confiar,  
Que por mais que pequei, neste conflito  
Espero em vosso amor de me salvar.

(AMADO, 1992: 69)

Mas o que fez a lamentável fama de Gregório de Matos, granjeando-lhe o apelido de *Boca do Inferno*, foi a sua impressionante veia satírica e a dureza com que, valendo-se dela, castigava os homens e o meio:

Um branco muito encolhido,  
Um mulato muito ousado,  
Um branco todo coitado,  
Um carraz todo atrevido,  
O saber muito abatido,  
A ignorância e o ignorante  
Muito ufano e mui farfante,  
Sem pena ou contradição,  
“Milagres do Brasil” são.

O seu desprezo envolvia, de maneira igual, reinóis e brasileiros, porque era a toda a sociedade que ele agredia e vergastava:

Que os brasileiros são bestas,  
E estão sempre a trabalhar  
Toda a vida por manter  
Maganos de Portugal

No Brasil, a fidalguia  
No bom sangue nunca está;  
Nem no bom procedimento.  
Pois logo em que pode estar?

Se guardar o seu dinheiro  
Onde quiser casará,  
Que os sogros não querem homens  
Querem caixas de guardar.

Chegou a parodiar Quevedo para mostrar o seu conflito com o meio:

Querem-me aqui todos mal,  
E eu quero mal a todos,  
Eles e eu por nossos modos  
nos pagamos tal por tal;

E querendo eu mal a quantos  
Me têm ódio tão veemente,  
O meu ódio é mais valente  
Pois sou só e eles tantos...

A obra de Gregório de Matos foi publicada a partir de 1929 pela Academia Brasileira de Letras, sob os cuidados editoriais de Afrânio Peixoto (1929-1933)

### PADRE ANTÔNIO VIEIRA<sup>46</sup>

Este problema da nacionalidade do grande jesuíta ainda será discutido por muito tempo. Se, para o literato, entende-se por nacionalidade o lugar de nascimento, Vieira era português, porque em Portugal viu a luz, aos 6 de fevereiro de 1608; se, porém, a nacionalidade de um pensador é feita pelo lugar onde ele se forma mentalmente, onde ele se nutre de cultura, cujos anseios sente mais de perto e de cujos ideais e angústias participa, Antônio Vieira deve ser considerado brasileiro, pois que no Brasil viveu durante toda a fase de sua formação e, aqui chegando em 1614, daqui saiu pela primeira vez em 1640, para representar a colônia nos festejos da Restauração, quando Portugal se libertou da dominação espanhola. Na Bahia fez os seus estudos primários; lá recebeu o que seria, na época, a educação secundária; lá seguiu o curso do Seminário, com a formação superior; lá ainda, organizou-se mentalmente para a luta contra os senhores de engenho, na defesa dos selvagens, vindo a falecer ali, no dia 18 de julho de 1697, aos 89 anos. Não será sem razão que Afrânio Peixoto, estudando a figura do grande orador, encontra nele um “estilo brasileiro, doce e fluente”.

É verdade que Vieira se mostrou, na organização mental, na formação, bastante português, reproduzindo no Brasil os processos e recursos do gongorismo, mas deve-se reconhecer que de outra forma não poderia ter ocorrido porque a cultura da colônia, inteiramente isolada de qualquer outro país europeu e até mesmo de contatos com as demais colônias européias da América, não sofreria senão influências de Portugal e, quando muito, da Espanha, sob cuja dominação

---

<sup>46</sup> Raul Moreira Léllis trata da figura de Vieira na história da literatura portuguesa, seguindo a opinião daqueles que o consideram português.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

esteve durante tantos anos a nação portuguesa, e de onde se irradiou, para não pequena parte do mundo, o exemplo de Luís de Gôngora.

Não será fácil, por tudo isso, resolver-se de uma vez se Vieira é uma figura da literatura de Portugal ou do Brasil e o melhor será reconhecer que ele, tão grande na sua projeção, bem pode tocar, nos vários aspectos que abarca, a história literária de dois povos, máxime quando a literatura de um – no caso o Brasil – é, durante mais de três séculos, o prolongamento das influências de outro.

Antônio Vieira não foi apenas o orador primoroso cuja palavra empolgou multidões, impressionou reis, chegou a marcar época em Roma, e cujos sermões ainda hoje servem de modelo e inspiração. Ele aparece como prosador primoroso, tendo deixado mais de quinhentas cartas, além de crônicas históricas e estudos políticos e literários.

Deve repetir-se, no estudo da oratória do Brasil do século XVII, o nome de Antônio Vieira, aquele que, com o sermão pelo bom êxito das armas de Portugal contra a Holanda, mereceu de Raynel a afirmação de sr autor do “mais extraordinário discurso pronunciado na tribuna sagrada”. Realmente foi na oratória que Vieira mais brilhou, revelando pureza de linguagem nunca superada, agudeza de engenho, energia, vibração, raro colorido, todas as qualidades, enfim, de um orador como a língua portuguesa jamais teve igual.

Ordenado sacerdote, com 27 anos, manifestou-se então o seu extraordinário fulgor na tribuna sagrada: encheu de sua voz poderosa os templos da Colônia, da Metrópole, de grandes capitais do Velho Mundo, empolgando, seduzindo, castigando.

Modelo da mais alta e pura linguagem, de rara erudição, de que nos ficaram páginas imortais, não deixou de pagar tributo à moda literária do tempo – foi gongórico, embora à sua clara inteligência lhe repugnasse a degradação do culteranismo, a que fez as mais ásperas censuras. Argumentador de vastos recursos, abusou da própria palavra, em que se alteiam audácias quase blasfemas, que, depois, descem à mansidão religiosa, em efeitos que deviam sacudir a alma de quem o ouvisse.

Vieira pertence às duas pátrias de língua portuguesa. Reivindica-o para nós Afrânio Peixoto, que chega a descobrir-lhe um “estilo brasileiro, doce e fluente”

Foi um inovador na arte e no estilo da oratória sagrada.

“O seu raciocínio era dedutivo, severamente lógico, mas sempre em marcha da periferia para o centro, até assaltar o ouvinte, tocando-o no ponto sensível, alvo da sua doutrinação”.

E conclui Fidelino de Figueiredo: “...um poder de expressão genial, servido por uma claríssima simplicidade, por uma vigorosa originalidade e uma riquíssima imaginação” (FIGUEIREDO, 1940: 192 e 194).

Político sagaz, foi conselheiro de D. João IV; defendeu os interesses do reino, nos domínios da política internacional, de sua economia, de sua colônia. Foi diplomata, nem sempre feliz no desempenho de árduas missões. Arrostando, com desassombro, as iras da Inquisição, na defesa dos judeus perseguidos, e foi por ela condenado, mais tarde, por ter dado crédito às profecias do sapateiro Gonçalo Anes Bandarra, que em trovas alegóricas profetizara a independência nacional e a volta do *Encoberto*, de D. Sebastião, desaparecido na funesta batalha de Alcácer-Quibir.

Encerrada sua agitada vida política, voltou ao Brasil em 1652, e desde então, como depõe Artur Mota,

Tornou-se o defensor supremo do indígena escravizado, lutando sempre com a mesma coragem e persistência, embora incorresse nas iras dos poderosos. Arrostando toda a sorte de intrigas e perseguições, sempre intransigente com os seus princípios e convicções, a desenvolver a prodigiosa campanha em favor da Colônia, sem medir atividade nem moderar a energia. (Artur Mota. *Revista de Língua Portuguesa*, nº 28, março de 1924).

Sua obra literária é imensa: cerca de 200 sermões, 500 cartas e vários estudos políticos e literários, além do muito que continua inédito.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

\* \* \*

O século XVII, com sua literatura impregnada de idéias religiosas, patentes mesmo nos escritores seculares, é o século do frade literato: reina o espírito severo e unificador da Contra-Reforma.

Em 1580 Portugal cai sob o domínio da Espanha. Cresce a influência da língua e da literatura castelhana, com o aparecimento de numerosos autores bilíngües, cumprindo-se, sob o odiado jugo de Espanha, sessenta anos de dolorosas esperanças, de conformismo envolto na ignorância e no fanatismo.

Esta a grande causa do aviltamento da inteligência portuguesa – sem arte, sem crítica, sem pensamento, nas garras do absolutismo, roída pelo gongorismo. Só se havia de salvar a palavra religiosa, só a fé iluminaria as letras.

Mas se a poesia se degrada, se os líricos se transviam nas *sutilzas*, nas *agudezas*, nos enfeites de seus versos vazios de emoção e sinceridade; se a poesia épica não representa um só cantor de primeiro plano, e a poesia dramática se apresenta por uma única peça – o *Ato do Fidalgo Aprendiz*, de D. Francisco Manuel de Melo – a prosa atinge os pontos culminantes de sua perfeição, principalmente nos sermões de Vieira.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADO, James (ed.). *Gregório de Matos*: Obra poética. 3ª ed. Preparação e notas de Emanuel Araújo. [Rio de Janeiro]: Record, 1992, 2 vol.

CARVALHO, Ronald de. *Pequena história da literatura brasileira*. 11ª ed. Prefácio de Medeiros e Albuquerque. Rio de Janeiro: F. Briguiet, 1958.

COUTINHO, Afrânio; COUTINHO, Eduardo de Faria (Dir.). *A literatura no Brasil*. Volume II: Parte II (Estilos de época – Era barroca / Era neoclássica). 3ª ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: EDUF, 1986.

FIGUEIREDO, Fidelino de. *Literatura portuguesa*. Rio de Janeiro, 1940.

GOMES, Eugênio. Antônio Vieira. **In:** COUTINHO, 1986: 2, 80-113.

LÉLLIS, Raul Moreira. *Português no colégio*. Primeiro e segundo anos dos cursos clássico, científico, normal e para iniciação às Faculdades de Filosofia. 8ª ed. rev. e aum. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, [1967].

LÉLLIS, Raul Moreira. *Português no colégio*: História literária do Brasil. Para o terceiro ano dos cursos clássico, científico, normal e para o vestibular às Faculdades de Filosofia. 6ª ed. São Paulo, Cia. Ed. Nacional, [1968].

PEIXOTO, Afrânio. *Obras de Gregorio de Mattos: I – Sacras*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1929. (*II – Lyrica*. Rio de Janeiro: Álvaro Pinto Editor, [s/d]; *III – Graciosa*; *IV – Satirica*, t. I. e II. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1930 e *V – Última*. Rio de Janeiro: Oficina Industrial Graphica, 1933).

SPINA, Segismundo. Gregório de Matos. **In:** COUTINHO, 1986: 2, 114-125.